

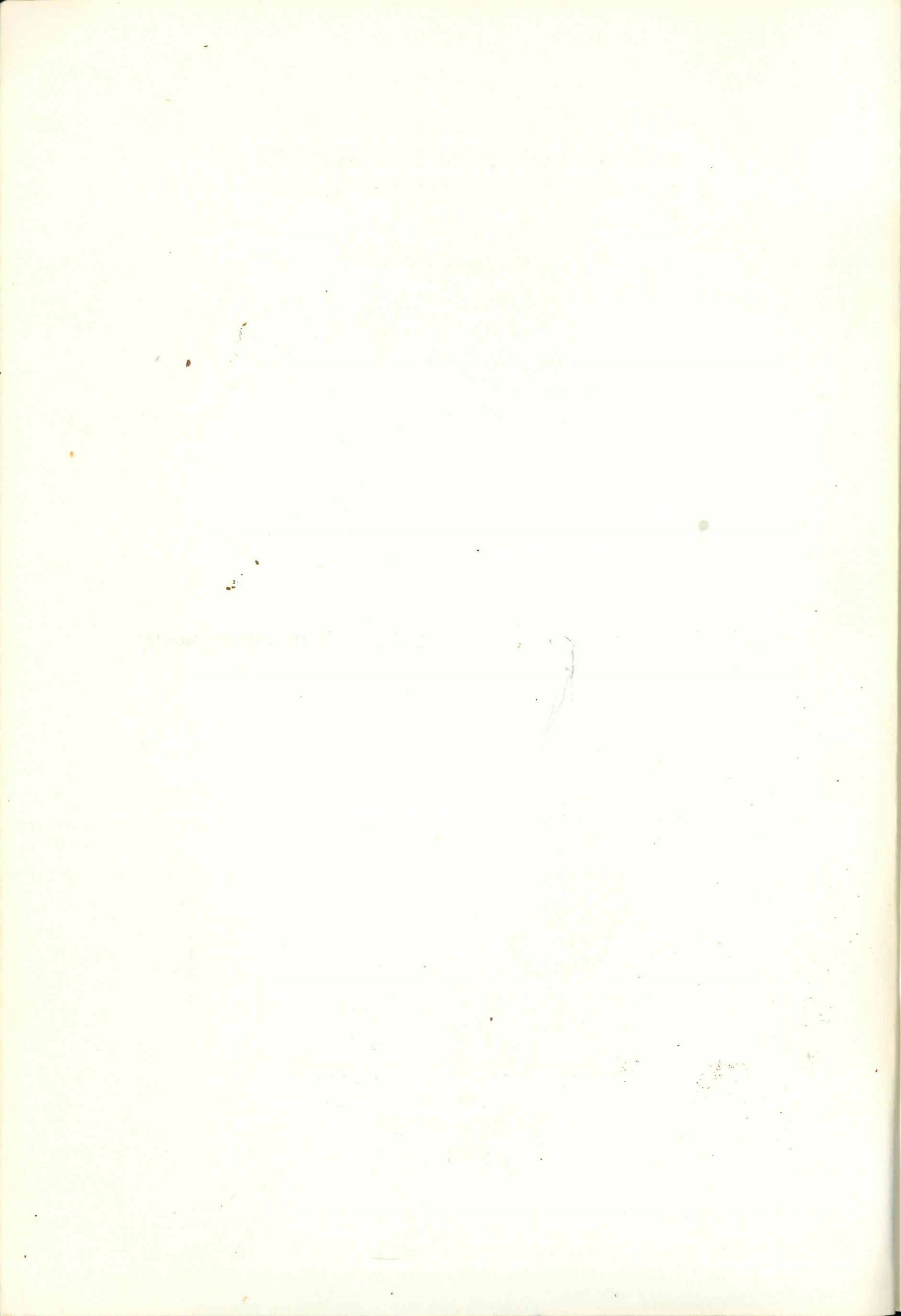
MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL
TARCÍSIO DANIEL PINHEIRO MACIEL

A PROPÓSITO DE UMA NOVA ARA A ENDOVÉLICO

Gabinete de História e Arqueologia
de
Vila Nova de Gaia
1986



B)
30.27(469.52)(04)
IAC



MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL
TARCÍSIO DANIEL PINHEIRO MACIEL

2001400
As. Dr. Vitor Berti
de Universidade
Maciel

A PROPÓSITO DE UMA NOVA ARA A ENDOVÉLICO

Gabinete de História e Arqueologia
de
Vila Nova de Gaia
1986

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54905 *Renan*

Barceliana

2480

A PROPÓSITO DE UMA NOVA ARA A ENDOVÉLICO

*Manuel Justino Pinheiro Maciel
Tarcísio Daniel Pinheiro Maciel*

O culto ao deus lusitano-romano Endovélico é um dos fenómenos mais representativos dos comportamentos religiosos na Lusitânia sob o domínio romano. Tendo como centro um santuário localizado no Cerro de S. Miguel da Mota, em Terena (Alandroal), este culto expandiu-se bastante no espaço, como parecem provar as variantes linguísticas deste teónimo, conforme nos revelam cerca de oitenta documentos epigráficos que chegaram aos nossos dias.

Demos recentemente notícia de um fragmento de ara a Endovélico, com uma inscrição inédita. A investigação que fizemos ⁽¹⁾ levou-nos a pensar num apontamento um pouco mais desenvolvido, não só sobre este fragmento de ara cuja inscrição agora foi dada ao conhecimento público, como também sobre outras inscrições já conhecidas no século XVII e outras considerações.

I

O fragmento de ara a Endovélico, de Juromenha

Noticiámos em primeira mão, no *Ficheiro Epigráfico* 15, 1985, Suplemento da Revista CONIMBRIGA, a seguinte inscrição dedicada a Endovélico:

(1) Nesta investigação muito ficámos devendo ao precioso contributo do Prof. Dr. José d'Encarnação e da Dr.^a Maria Manuela Alves Dias, que desinteressadamente nos deram todo o seu apoio. Aqui lhes manifestamos o nosso reconhecimento.

ENDOVOLLICO
SACRVM (*hedera?*) POS (*uit*)
T (*itus*) ANNIVS (*hedera?*)
VS [...] R [...] PATRV [?]
[...]

Que se poderá traduzir: *Consagrado a Endovélico. Tito Ânio*
(...) *colocou* (...)

Como se pode verificar pela fotografia que aqui se publica, a inscrição foi feita numa ara votiva em mármore de Estremoz — Vila Viçosa, de que se conserva hoje um simples fragmento e daí a inscrição também estar truncada. Foi encontrada no Verão de 1978, caída no interior da torre em ruínas da Igreja de N.^a S.^a do Loreto, dentro das fortificações de Juromenha, bem sobre o Guadiana. Foi seu achador José Manuel Camarinha, residente em Elvas, que a tem à sua guarda.

O facto de grande parte das lápides com inscrições a Endovélico terem sido transportadas, nos finais da Idade Média, do Santuário de S. Miguel da Mota para edifícios da região, nomeadamente igrejas, como aconteceu com as transferidas para a Igreja de N.^a S.^a da Assunção da Boa Nova, em Terena, para o Castelo de Alandroal e, já no séc. XVI, para a Igreja de N.^a S.^a da Graça do Convento dos Agostinhos de Vila Viçosa, neste último caso por ordem do duque D. Teodósio, leva-nos a ter em consideração a possibilidade de outras Igrejas da região terem sido contempladas com tais ornamentos. Com efeito, o mesmo aconteceu com a Igreja Matriz de N.^a S.^a do Loreto, de Juromenha, em total ruína desde a década de 1920 mas que, apesar das vicissitudes sofridas ao longo dos tempos, ainda guarda sinais das suas origens quatrocentistas⁽²⁾. Aqui, porém, as lápides, porque há a possibilidade real de existirem mais, não foram inseridas nas paredes com o intuito apenas de salvaguardar as epígrafes, nem para as mostrar ao público, mas foram adaptadas aos vãos sineiros para, metidas de topo, servirem de base resistente aos eixos dos sinos. Foi o que aconteceu a este fragmento de ara.

Na parte superior apresenta uma cavidade de 13,5x14 cm, também aberta para trás. e prolongada para a frente por um orifício de 4x6 cm, escavado paulatinamente pelo eixo do sino até ao desgaste total. Tudo o que resta da ara apresenta fracturas, alisamentos e sulcos, excepto na parte

(2) Túlio Espanca. *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, I, Lisboa, 1978, p. 40.

superior do campo epigráfico, denotando a sua adaptação a novas funções. São estas as suas actuais dimensões: 32x34/36x14/15 cm, sendo as diferenças verificadas na largura e espessura respeitantes ora ao fuste ora à cornija, ou seja, ao ressalto que ainda ficou após o desbaste do possível frontão.

Rompida de lado a lado, no seu topo, foi substituída ou simplesmente retirada. De contextura e forma semelhantes, vêm-se nos pés direitos dos olhais sineiros outras pedras de mármore ainda a servirem de reforço às caixas dos eixos dos sinos. Serão a continuação da que estudamos? Serão outra ou parte de outras? Sendo as únicas pedras de mármore existentes na torre, é bem possível que sim.

Voltemos ainda à inscrição. O seu campo epigráfico é de 32x17 cm. A altura das letras varia entre os 3 e os 3,7 cm. Os espaços interlineares, entre 1 e 1,3 cm. Os caracteres são actuários, por vezes com uma certa irregularidade de ducto. Após as palavras SACRVM e ANNIVS parece-nos distinguir heras que ornamentam a inscrição.

A paleografia leva-nos a considerá-la como datando do séc. I, como tantas outras dedicadas ao mesmo deus lusitano-romano. Esta, ao acusar a grafia ENDOVOLLICO, vem juntar-se a um grupo de 10 já existentes com esta variante dialectal, sendo a 5.^a a apresentar a geminação do L.

O dedicante seria *T(itus) Annius*, parecendo essa a leitura mais correcta. Com efeito, a leitura *Tannius*, embora possível, seria difícil de fundamentar. Como gentílico, não aparece na Península Ibérica (3). Formas próximas, como *Tannia* (4), *Tannonius* (5), *Tannoniaenus* e *Tannio* (6), ocorrem raramente e fora da Hispania. Por outro lado, seria ainda possível a leitura *Annius*, no caso de se admitir que o T pertence ao *pos(uit)*. *Annius* seria assim o gentílico seguido do *cognomen* que estaria na linha seguinte. Um olhar atento sobre o campo epigráfico, porém leva-nos a afastar desde já esta hipótese. A corroborar a leitura *T(itus) Annius* temos vários paralelos na epigrafia romana, nomeadamente no *Conventus Pacensis*, em que surge um *T. Annius Aper*, também ele dedicante a Endovélico (7).

(3) J. - M. Lassère, *Ubique Populus*, Paris, 1977, p. 269.

(4) E. Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinorum* (CIL) XIV, 1522.

(5) CIL XIV 259.

(6) I. Kajanto, *The Latin Cognomina*, Helsinquia, 1965, p. 165.

(7) José d'Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da Romanização* (IRCP), Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 1984, inscrição n.º 485.

A última linha só nos permite ver algumas letras. Parece ser possível ler *Patru...*, o que nos levaria a pensar, com José d'Encarnação (8), na hipótese de estar também aqui patente uma das características do culto a Endovélico: a sua passagem de pais para filhos, respeitando os votos dos maiores.

Não nos permite o conteúdo desta inscrição ir mais longe no conhecimento da teologia endoveliciana, embora nos ajude a confirmar a grande difusão do seu culto. Entre os deuses indígenas da Península, é dele que mais documentos nos legou o tempo, muitos deles autênticas obras primas da lapidária romana. O que não deixa de ser significativo.



(8) IRCP pp. 804-805.

II

Sobre outras inscrições já conhecidas no séc. XVII

Os *corpora* epigráficos foram registando desde o séc. XVI várias inscrições, muitas das quais se perderam. Daí que elas sejam hoje estudadas unicamente a partir desses registos. Porém, um estudo comparativo dos vários *corpora* leva-nos à conclusão de que algumas inscrições chegaram até nós truncadas ou com várias leituras, obrigando o epigrafista a reconstituí-las de acordo com a lógica e a estrutura do seu texto.

A propósito da nossa pesquisa sobre a inscrição do dedicante *T. Annius*, consultamos várias referências epigráficas. Entre elas, uma obra do séc. XVII que nos dá uma descrição das inscrições então existentes no Convento dos Monges Agostinhos de Vila Viçosa⁽⁹⁾. O seu autor, Frei António da Purificação, ao fazer a Crónica dos Mosteiros da sua Ordem, resolveu transcrever as inscrições romanas existentes no seu Convento de Vila Viçosa. Seguindo embora Frei Bernardo de Brito na interpretação que faz de Endovélico e das suas origens, ele revela, se o lermos com atenção, que as suas transcrições são independentes das deste autor⁽¹⁰⁾, bem como das de André de Resende⁽¹¹⁾, até porque não se revela grande epigrafista, se o compararmos, por exemplo, com este último. Acrescenta inscrições e dá leituras diferentes das já referenciadas anteriormente. Além disso, o interesse desta Crónica advém ainda do facto de ser a última publicação a referir-se às lápides antes da sua deslocação ou até desaparecimento com obras de remodelação da Igreja de N.^a S.^a da Graça, nos meados do séc. XVII⁽¹²⁾.

(9) Fr. António da Purificação, *Chronica da Antiquissima Provincia de Portugal, da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho Bispo d HIPPONA, & principal Doutor da Igreja*, Parte II, Lisboa, 1656. O que afirma e contém Frei António da Purificação sobre Endovélico é praticamente repetido por outro agustiniano, Frei Joaquim de Santa Rita, um século mais tarde na sua *Academia dos Humildes e Ignorantes. Diálogo entre hum Teologo, hum Filosofo, hum Ermitão, e hum Soldado, no sitio de Nossa Senhora da Consolação*, Tomo II, Lisboa, 1760, pp. 193-200.

(10) Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, I, Lisboa, 1595, fls. 137v-138v, transcreve cinco inscrições de Vila Viçosa, correspondentes a IRCP 510, 514, 483, 492 e 494, assim como a do Castelo do Alandroal.

(11) André de Resende, *De antiquitatibus Lusitaniae*, Évora, 1593, fls. 232-236, transcreve sete inscrições a Endovélico existentes em Vila Viçosa, correspondentes a IRCP 492, 483, 510, 514, 488, 526 e 494, bem como a existente no Castelo do Alandroal, correspondente a IRCP 508.

(12) A Igreja de N.^a S.^a da Graça do Convento dos Agostinhos de Vila Viçosa foi completamente reconstruída nos meados do séc. XVII. Cf. Túlio Espanca, *op. cit.*, p. 540.

Frei António da Purificação transcreve treze inscrições hoje consideradas como pertencentes ao *corpus* endoveliciano, oito das quais desapareceram ⁽¹³⁾. Acrescenta, porém, uma como proveniente também de Terena, que reproduz do seguinte modo, a fls. 201v:

Corintio::::: tabrionis
Dive in via aurici
A.L.V.S.

Esta inscrição é conhecida de E. Hübner (CIL II 5210), nomeadamente através do ms. Panvinius, e foi publicada por José d'Encarnação (IRCP 648) nos seguintes termos:

[...] [CORINTHVS?] / SER(vii?) · [...] ACILI/
GLABRIONIS / ADIVT(or) · TABVLA(rii)
E|X|P(ondo) / AVRI[I?]I A(nimo) ·
L(ibens) · V(otum) · S(olvit) ·

Na Crónica dos Agostinhos verificamos que esta inscrição é oriunda de S. Miguel da Mota e, por isso, tem todas as possibilidades de ser dedicada a Endovélico, como outras que de lá vieram sem a indicação deste teónimo, por estarem truncadas. Isto vem confirmar as hipóteses já formuladas por E. Hübner e José d'Encarnação (IRCP 648) e permitir juntar também mais esta inscrição ao conjunto das já inventariadas como dedicadas a Endovélico.

Há ainda outra inscrição que, por deficiente transcrição do Cronista Agostinho, levantou problemas. Ela foi novamente publicada, e nos mesmos termos, pelo Pe. Espanca ⁽¹⁴⁾, o que levou Hübner a interrogar-se sobre

⁽¹³⁾ As hoje referenciadas em IRCP 510, 486, 526, 531, 488, 494, 497 e 483, hoje perdidas, e em IRCP 519, 522, 514, 492 e 489, actualmente no Museu de Belém, em Lisboa.

⁽¹⁴⁾ J. J. da Rocha Espanca, *O deus Endovellico dos Celtas do Alentejo*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 3.^a série (Lisboa) 4-5 (1982) 278 n.º 14. Nesta obra, o Pe. Espanca revela conhecer também a *Academia dos Humildes e Ignorantes*, já citada, nomeadamente através das versões que dá de certas inscrições.

a documentação em que este se baseou ⁽¹⁵⁾. Verificamos que a fonte do Pe. Espanca é Frei António da Purificação, se compararmos os respectivos textos de inscrições e porque o primeiro tem conhecimento pormenorizado da Crónica dos Agostinhos ⁽¹⁶⁾. Vejamos a leitura do Cronista Augustiniano, a fl. 201v:

Endouelico Sancto D.S.
hic Aurelius:::::::::::
Vir:::::::::: N::::::::::

E a de IRCP 497:

DEO · ENDOVELLICO/HERMES · AVRELIAE/VIBIAE · SAB[I] NAE
SER (vus)/MARMORARIVS/A (nimo) (hedera) L(ibens) (hedera) P(osuit)

Mas a Crónica dos Agostinhos não se limita às inscrições dedicadas a Endovélico. Cita também como provenientes de S. Miguel da Mota duas inscrições dedicadas a Proserpina, uma a Marte e ainda uma inscrição hebraica ⁽¹⁷⁾. Erradamente considerou dedicada a Marte uma dessas inscrições. Trata-se de uma lápide funerária onde leu MARTI por MATRI (IRCP 466). As consagradas a Proserpina, apesar da deficiente transcrição, reconhecem-se nas hoje referidas em IRCP 570 e 571, noticiadas já no séc. XVI por Resende. Também aqui divergem os textos deste autor e de Frei António da Purificação, mas as divergências não se limitam só ao texto. Resende escreveu que elas se encontravam na Ermida de S. Tiago, em Vila Viçosa ⁽¹⁸⁾. Purificação considera-as como pertencentes ao con-

(15) CIL II 133 e p. XXXVIII, P. 807 (Supl.): *Inter sedecim titulos ab aliis iam editos da Rocha n. 14 nescio ex quo libro impresso barbaramente corruptum ita «Endovellico Sancto / Hic Aurelius ... / Vir ... NOBI ...» Tamen nullum alium titulum subesse certum est.* Todavia, Hübner cita, app. CII, a obra de Purificação e, app. XCII, a *Academia dos Humildes e Ignorantes*. Foi a esta que o Pe. Espanca foi buscar a leitura NOBI. Na *Academia*, II, p. 195, tem *nobis*, quando Purificação, como adiante veremos, apenas transcrevera N..., embora traduzisse por *nobre*. Das indicações de E. Hübner se conclui que, embora informado de que existiam referências em Purificação e na *Academia*, não teve acesso a estas obras de 1656 e 1760.

(16) J. J. da Rocha Espanca, *Compêndio de Noticias de Villa Viçosa, Concelho da Provincia do Alentejo e Reino de Portugal*, Redondo, 1892, p. 89.

(17) *Alem destes letreiros estão naquella alpendre mais dous que falam em Proserpina, & hum em Marte; donde se pode colligir que naquella Templo de Cupido estarião tambem os idolos destes dous Deuzes falsos.* Frei António da Purificação, *op. cit.*, fls. 201v-202.

(18) *Proserpinae ibi delubrum fuit, ubi modo divi Iacobi aedes est, in suburbio, ubi haec inveni monumenta.* André de Resende, *op. cit.*, fl. 228.

junto vindo de Terena. A quem dar razão? É evidente que Resende nos merece melhor crédito, por vários motivos. Mas Purificação está a fazer a Crónica da sua Ordem, relata-nos a história recente do seu convento de Vila Viçosa e poderia dispôr de outras referências quanto às voltas que as lápides deram até chegarem ao seu Mosteiro. Se o cronista augustiniano estava a ser objectivo na sua informação, embora posterior a Resende e a ele oposta, teríamos aqui a possibilidade de uma ligação entre os cultos de Endovélico e de Proserpina/Atégina, o que seria de considerar. Hipótese, aliás, já considerada, a nível etimológico, por A. Tovar. *Algumas consideraciones sobre los nombres de Divindades del Oeste Peninsular*, in *Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de F. A. Coelho*, II, Lisboa, 1950, pp. 187-188.

As inscrições a Proserpina têm sido referidas como achadas no Aro de Elvas. A informação do cronista dos Agostinhos não terá peso suficiente, até porque ele não se revela propriamente como epigrafista, mas não poderá ser totalmente ignorada. Resta-nos aguardar novos documentos.

III

Algumas considerações

Divindade tópica ⁽¹⁹⁾ ou outro Esculápio ⁽²⁰⁾, deus infernal ⁽²¹⁾ ou outro *Sucellus* ⁽²²⁾ ?

Depois dos comentários de J. Toutain ⁽²³⁾ às interpretações de J. Leite de Vasconcelos, dos de J. M. Blásquez Martinez ⁽²⁴⁾ às de Scarlat Lambrino e dos de José d'Encarnação ⁽²⁵⁾ como corolário de toda a inves-

(19) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905, p. 125.

(20) Idem, p. 129.

(21) Scarlat Lambrino, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, in *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, Nouvelle Série (Coimbra) 15 (1951) 125.

(22) Id., pp. 135-136.

(23) J. Toutain, *Les cultes païens dans l'empire romain. Première Partie. Les Provinces Latines. Tome III. Les cultes indigènes nationaux et locaux*, Paris, 1920, pp. 130-131.

(24) J. M. Blásquez Martinez, *Religiones Primitivas de Hispania*, I, Madrid, 1962, p. 159 e II, 1983, p. 284.

(25) IRCP pp. 561-629, 800-805, 807 e 846.

tigação feita em torno de Endovelico, destacando a grande influência deste *numen* como centro religioso do *Conventus Pacensis*, respeitado e assimilado pelo colonizador romano, pouco mais se poderá adiantar na reflexão histórica sobre este acontecimento socio-religioso que funciona ele mesmo como facto social total, em que sociedade, língua, religião, estética, simbologia, comportamentos, etc., se congregam e se fundem, cristalizando-se em cada um dos documentos que do outeiro de S. Miguel da Mota chegaram aos nossos dias.

O culto a Endovélico gozou de grande individualidade no centro Sul da Península. Mesmo que investigações e achados futuros venham a confirmar o hoje considerado hipotético triângulo *Endovelicus-Vaelicus-Andobelus*, parece-nos difícil que o primeiro seja ultrapassado no número e qualidade das lápides que lhe são dedicadas ⁽²⁶⁾. J. Toutain e F. Fernandez Gomez, tentaram ligar *Andobelus*, que a tradição quer sido venerado no cerro Andéballo, na Andaluzia, e *Vaelicus*, de que existem monumentos epigráficos em Postoloboso, Avila, a *Endovelicus*. Se este tem as variantes dialectais *Endovel(l)icus*, *Endovol(l)icus*, *Indovellicus* e *Enobolico*, próprias de uma região linguisticamente unificada pelo Latim, não é difícil admitir que essas variantes se afastem mais à medida que aumenta a distância geográfica. Tanto mais que *Andobelus* também se refere como *Endobelus*, e *Vaelicus*, este documentalmente, também surge como *Velicus* e *Deo Velicus* ⁽²⁷⁾.

De entre as características atribuídas a Endovélico, apenas uma se poderia atribuir a *Andobelus* e a *Vaelicus*: o carácter de *numen loci*, de deus da montanha ou da colina, de divindade tópica. *Andobelus* ou *Endobelus* seria venerado no alto do cerro Andéballo, junto de Cabezas Rubias — antiga *Ad Rubras* — cerca de 100 km a partir de Terena, em direcção a Huelva. Este deus, todavia, bem como o seu culto, não passam ainda de uma tradição local da região de Huelva, sem qualquer monumento compro-

⁽²⁶⁾ F. Fernandez Gomez, *El Santuario de Postoloboso (Candeleda, Avila)*, in *Noticiario Arqueologico Hispanico, Arqueologia* (Madrid) II (1973) 210-231.

J. Toutain, *op. cit.*, p. 130.

Juan Agustin Cean-Bermudez, *Sumario de las antigüedades Romanas que hay en España en especial las pertenecientes á las Bellas Artes*, Madrid 1832, p. 260.

⁽²⁷⁾ F. Fernandez Gomez, *op. cit.*, pp. 210-228.

vativo encontrado até ao presente ⁽²⁸⁾. No que respeita a *Vaelicus*, não está ainda provada a existência ou não de um templo no cimo de uma das colinas de Postoloboso (Candeleda, Ávila), mas há efectivamente um contexto geográfico e mesmo religioso que permite atribuir a *Vaelicus* o epíteto de *numen loci*, segundo F. Fernandez Gomez ⁽²⁹⁾. A confirmar-se esta hipótese, que carece ainda de documentos no que respeita a *Endobelus*, teríamos mais um argumento para sublinhar a unidade e expansão destes cultos, não demasiado afastados no espaço, pouco diferentes na onomatologia e talvez muito próximos na sua origem cultural. E a confirmação da hipótese de que Endovélico foi, pelo menos na sua origem, um deus da colina, com evidentes paralelos no mundo oriental, nomeadamente na Fenícia e na Grécia e, posteriormente, também no mundo romano, como sublinhou J. Toutain ⁽³⁰⁾. onde se teria aproximado das características do culto infernal de Proserpina/Atégina.

DR. MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL

— Assistente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

DR. TARCISIO DANIEL PINHEIRO MACIEL

— Arqueólogo e Professor do Ensino Secundário.

⁽²⁸⁾ Diz Cean-Bermudez, *op. cit.*, p. 260: '*Cabezas Rubias*', *pueblo de la jurisdiccion de la vlla de Niebla, distante veinte y una leguas de Sevilla, capital de su provincia, situado al pie del gran cerro Andebalo, en cuya cima estan los cimientos de un antiquissimo templo dedicado al dios Endobelo ó Andebolo, que dió nombre á aquel pais... Endobelo, Endobéllico ó Endobélico era una deidad cuyo culto introdujeron en España los celtas antes de la venida á ella de los cartagineses y romanos. Asi es que suelen encontrarse en varias partes de su region, que hubo en casi todas las provincias de la Peninsula, rastros y reliquias de este culto, como son ruinas ó vestigios de aras, ó templos, ó inscripciones.*

J. M. Blásquez Martinez, *op. cit.*, I, p. 156.

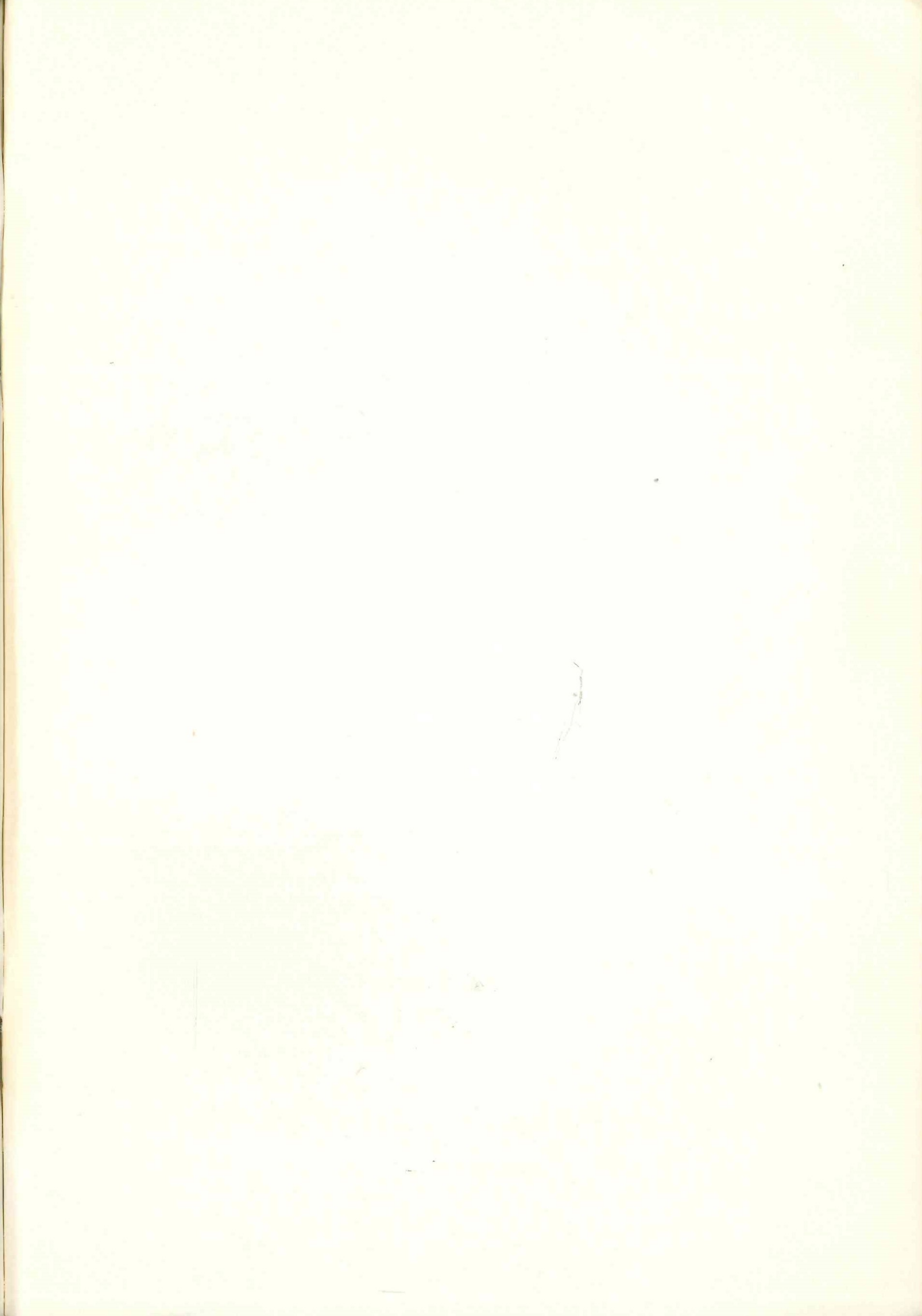
⁽²⁹⁾ F. Fernandez Gomez, *op. cit.*, pp. 230-231.

⁽³⁰⁾ J. Toutain, *op. cit.*, p. 131.

Tivemos, entretanto, conhecimento de que José d'Encarnação, no Simpósio Internacional sobre a *Tabula Siarensis*, realizado nos começos de Maio de 1986 em Sevilha, ao focar os problemas metodológicos que se colocam no estudo das divindades indígenas peninsulares, vai exactamente ao encontro desta nossa opinião, reforçando a ideia de que *Velicus* e *Endovelicus* poderão ser duas designações da mesma divindade.

Impressão: *Rocha/Artes Gráficas*
Tiragem: 225 exemplares
Data: Dezembro de 1986

Imprimerie: BÉGNARD & C^{ie}
Tirage: 250 exemplaires
Date: Décembre de 1954



Separata da Revista

Caixa

Volume IV — 1986

biblioteca
municipal
barcelos



54905

A propósito de uma nova ara a
Endovélico